

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# INTERVENÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA: USINAGEM DE CONCEITOS A PARTIR DO AGENCIAMENTO ENTRE CINEMA E FILOSOFIA

Carlos Ricardo Grokorriski<sup>1</sup>

Rodrigo Diego de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo tratamos da produção de conceitos nas aulas de filosofia, a partir da relação entre cinema e filosofia. Partimos das reflexões teóricas sobre o tema e discutimos os dados que foram coletados na implementação do projeto de intervenção com alunos do Ensino Médio, de Escolas Públicas Estaduais do Paraná, Brasil, em oficinas que denominamos: Usina fhi. As oficinas foram organizadas a partir da Metodologia dos Três Momentos Pedagógicos, os relatos e as atividades produzidas pelos discentes nas oficinas consistiram nos dados analisados qualitativamente neste Relato de Experiência. Constatou-se que os discentes a partir de suas produções de signos e rearranjo de signos, despertaram para a produção de conceitos via reflexão crítica em relação a si mesmos, aos outros e frente a sua relação política e social com o local onde vive.

Palavras chave: Ensino de Filosofia. Cinema. Conceito.

## INTRODUÇÃO

Como pensar uma aproximação entre cinema e filosofia?

A arte da imagem em movimento, o cinema, talvez seja uma das mais importantes expressões estéticas do século XX. A confluência de várias artes no cinematógrafo proporcionou uma nova forma de ludos, de fantástico. As técnicas e as tecnologias integraram-se ao campo de criação acompanhando as frenéticas mudanças do desenvolvimento industrial.

A palavra tornou-se imagem em movimento. Ganhou som e o que parecia uma simples captura do real tornou-se o próprio real. Como pensar a

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia, SEED – PR e Faculdade Sant’Ana, Mestre em Educação - UEPG, grokorriski@gmail.com .

<sup>2</sup> Professor Assistente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG. Doutorando em Educação Científica e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Email: [diego\\_souzasmd@yahoo.com.br](mailto:diego_souzasmd@yahoo.com.br)

arte do cinema e suas funções e importâncias na construção dos modos de ver o mundo?

Este é o ponto central deste artigo. Propor reflexões sobre o lugar do cinema na constituição dos pensares dos sujeitos.

O ponto de partida foi o projeto: Usina F, a criação de conceitos a partir da linguagem cinematográfica. O projeto consistiu na realização de ações de trabalho com filmes durante aulas de Filosofia com discentes do terceiro ano do Ensino Médio de Escolas Públicas Estaduais do Paraná, Brasil.

As estratégias das ações de intervenção foram planejadas durante o ano de 2016. Partiu-se da ideia de estabelecer uma aproximação entre filosofia e outra potência de pensamento, neste caso, a Arte. A linguagem estética escolhida foi o cinema.

Algumas questões foram levantadas durante esse processo. A primeira preocupação foi em relação a como garantir que houvesse uma aproximação, um agenciamento, e que não se caísse na armadilha da colonização de uma linguagem por outra. Era necessário tomar o cuidado para que o filme não fosse colonizado pela filosofia e que o contrário também fosse evitado.

Quanto à colonização tornou-se claro a necessidade de distanciar-se de práticas colonialistas, práticas que podem ser exemplificadas pela utilização de filmes para ilustrar determinado conteúdo. Ou a realização de recortes de filmes com intuito meramente ilustrativo, fazendo com que o filme perca sua função própria. Por outro lado era necessário evitar práticas que colocassem na filosofia a função de ser a responsável pela explicação do que acontece no filme. Como se a arte pudesse ser explicada e não sentida.

Partindo das propostas existentes pensamos o ensino de Filosofia que buscasse “agenciamentos” com outras “potências do pensamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1992), neste caso a linguagem cinematográfica. A partir desse cuidado, avançamos na ideia de estabelecer um agenciamento entre cinema e filosofia.

A fundamentação teórica partiu da compreensão de Filosofia e Arte como potência do pensamento. A Arte como criadora de perceptos e afetos e a Filosofia como criadora de conceitos.

Foi necessário ainda pensar o agenciamento dentro do espaço da aula de filosofia. Nesse sentido recorreremos algumas reflexões sobre o Ensino de Filosofia. As Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná para o Ensino de Filosofia oferecem uma abordagem da aula de filosofia que organiza os momentos da prática de uma unidade didática partindo da mobilização, passando pela sensibilização, partindo para a investigação resultando na criação de conceitos.

Uma aula usina, um local em que fosse possível a criação de conceitos. Como inserir um processo de usinagem em ensino de filosofia?

Assim concebemos a proposta didática USINA  $\Phi$ . O termo usina nos remete às ideias de local de produção, como se pode conferir no Aurélio, engenho de açúcar mecanizado, indústria de aço e energia. Tais palavras são interessantes, embora possam ser associadas às ideias de maquinização ou alienação do homem. Pensamos aqui inspirados nas ideias de Deleuze e Guattari (2010) que definem o próprio inconsciente como maquinico: usina.

É preciso tomar aqui a palavra produção para além do contexto ideológico do modo de produção capitalista. Produção é a própria produção do real cujo objetivo não está ligado à exploração e para o consumo. Apenas produção como produção do próprio real.

Em *O Que É A Filosofia?* Deleuze e Guattari (1992) expõem a ideia de que a atividade específica da filosofia é a de produzir conceitos. Sair da idade enciclopédica em que se reproduz conceito e partir para idade pedagógica do conceito, se se deixar levar pela idade de produção comercial do conceito.

Então era isso. O objetivo foi tomar a aula de filosofia como espaço de usinagem, de produção, mecanicismo de produção, produção de energia (hidroelétrica), de pensamento, de doçura (usina de açúcar), de conceitos, de filosofia, produção do real e da vida.

Mas como conceber a aula de filosofia como um espaço de produção? Qual o papel do professor em tal tarefa? Que instrumentos utilizar para que isso se torne possível?

A aula de filosofia foi tomada no sentido de operar, a partir da ideia da produção de um conceito. Para tanto, foi necessário observar qual é o conceito que o aluno tinha antes da usinagem, seus conhecimentos prévios, proporcionar-lhes instrumentos e ferramentas que possibilitassem tal tarefa e assim foi possível perguntar-se o que se produziu após a aula.

Pensamos a Filosofia como potência do pensamento agenciável com outras potências, seja a Ciência ou a Arte. Partimos da ideia de que o Ensino de Filosofia se daria a partir dessa compreensão, por meio do agenciamento com outras linguagens. Neste caso a opção foi por um dos modos de produção estética: o cinema<sup>3</sup>.

O cinema pode ser concebido como um recurso especial no processo de ensino aprendizagem por agregar de modo significativo imagem, movimento e linguagem. Especial, porque torna possível 'realidades' irreais, traz presente o ausente, possibilita duvidar, tematizar o tempo, a verdade, a realidade, a dor, a angústia, o tédio, a violência, a morte, o amor, a felicidade, a justiça, enfim, abarca todas as dimensões da existência humana. A atividade filosófica, por sua vez, faz dessas várias dimensões objeto de compreensão crítico argumentativa. (RIBAS; CENCI, s/a)

O cinema como produto monumental, produtor de afetos e não como elemento ilustrativo aos temas filosóficos. A apresentação de filmes foi pensada como capaz de produzir sensações e não de explicar conceitualmente visto que o papel de explicar parece pertencer à ciência. A proposta considerou a apresentação do cinema como arte pura, capaz de produzir sensações e oferecer substrato para o pensamento. A partir das sensações causadas pelo filme foi possível adentrar a outra potência do pensar, a filosofia.

O cinema pode servir como mola propulsora, como o aguilhão da atividade filosófica, na medida em que possibilita mediante a realidade ficcional posta, causar a afetação necessária que põe em marcha um processo de intelecção da problemática experienciada na trama. Essa dimensão cognitiva do cinema, que vai além do lazer, possibilita uma compreensão do mundo. O cinema possibilita, desse modo, que construamos não um discurso científico 'limitado' por proposições verdadeiras ou falsas, mas um discurso filosófico esclarecedor pelo

---

<sup>3</sup> Ou, para estar mais conectado à realidade dos alunos, é possível observar a simpatia de alguns pelos seriados que têm se tornado cada vez mais acessíveis na atualidade.

esforço argumentativo. O que é mostrado pelo cinema não está no mesmo nível que o que é dito pela ciência. A ciência trata do mundo, que é o que pode ser dito na forma de proposições (frases apofânticas) e pensado. O cinema não tem a obrigação de descrever a realidade como a ciência. Ele está liberto da obrigação de referir-se à realidade, por isso não precisa ser lógico e nem descrever o mundo com proposições verdadeiras (ou falsas). (RIBAS; CENCI, s/a)

Fixados estes pressupostos tornaram-se necessárias algumas reflexões que ultrapassassem as práticas já consolidadas. Não se pode afirmar qualquer ineficiência em tais práticas, o que se propõe pensar como essas práticas podem ser refletidas, superadas, aprimoradas no sentido de oferecer possibilidades no âmbito da disciplina de Filosofia.

Para a realização de tal tarefa recorreremos aos três momentos pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002): Problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento em Filosofia. Tais passos foram seguidos para a organização do trabalho pedagógico. Além da sequência, da forma, foi preciso uma abordagem. Assim, além da sequência pedagógica foi necessária a compreensão de que o trabalho com filosofia não se restringisse a apresentação enciclopédica dos conceitos, é preciso forjá-los.

Assim pensamos e propusemos uma intervenção em 32 horas aulas que atingissem o objetivo de proporcionar o agenciamento ente filosofia e cinema.

Pensou-se numa preparação dos alunos visto que as práticas como apresentação de filmes, podem muitas vezes, estar contaminadas por práticas que consideram a apresentação de filme como expresso em narrativas de alunos “o professor passou um filme chato”. Tal narrativa poderia revelar duas compreensões, a primeira é de que a visão que o aluno tem é de que filme tenha que ser algo divertido, o que poderia nos aproximar da compreensão do papel do cinema com lazer, entretenimento, aproximado da utilização comercial que se faz do cinema, produto vendável. A segunda interpretação é a de que o cinema seja utilizado de forma a não conseguir cumprir sua função e que se torne uma atividade enfadonha e que ocupa um espaço de tempo na aula.

Era preciso levar aos alunos a informação de que iríamos assistir um filme e que isso se constituiria num trabalho de tentar captar no filme

sensações, sentimentos, ideias, conceitos que potencializassem seus pensamentos, que os levasse a criação.

Nesse sentido o filme saiu de seus lugares habituais nas práticas de ensino. Ele não era elemento mobilizador, sensibilizador que antecedia o trabalho com um conceito filosófico, assim também como deixou de ocupar o espaço paralelo à filosofia como ilustrador de conceitos, tempos, ambientes etc. Era necessário que o cinema formasse um par com a filosofia, assim tornava-se junto com a filosofia centro de toda prática pedagógica.

Quando o cinema ocupa espaços paralelos, anteriores ou posteriores aos conceitos filosóficos poderia se afirmar que há uma depreciação da arte em sua função mais específica, o de fazer fruir as sensações. Trazer o cinema, o ou filme para o centro da aula de filosofia não implica em retirar o conceito ou conceito de centro. A atividade demonstrou possível a centralidade do par: cinema-filosofia.

Assim, indagou-se: Como apresentar o filme? Como preparar os alunos para assistirem? Como a filosofia pode dialogar com o tema do filme como com a própria atividade de escolher e assistir um filme?

Embora a ação já tivesse sido planejada, constituindo-se assim uma prática que já estava determinada, diretiva, com uma intenção estabelecida; foi possível conversar com os alunos no sentido de não impor, mas propor a atividade mesmo que estivessem pré-estabelecidas. Esse diálogo permitiu que, mesmo não participando da escolha do filme ou do tema, fosse possível um trabalho efetivo.

Partimos então de alguns marcos teóricos: Primeiro uma compreensão do ponto de vista da filosofia, da arte e da filosofia como criações do espírito humano. Segundo, de como a arte pode se tornar produto a ser consumido.

Assim preparou-se o terreno para que o filme fosse assistido como arte a ser sentida. Essas primeiras aproximações deixaram claro aos alunos que assistir um filme dentro da aula de filosofia não consistia em “matar tempo”, “divertir-se”, “ilustrar”, ainda que essas funções não saiam de qualquer produto da mente humana, entre elas o cinema.

Então? Para que assistiríamos um filme? Para senti-lo, para deixar que sua música e suas imagens os toquem, para que a história fosse vivida. Para que uma história fosse contada com belas imagens, e que as belas imagens possibilitassem aos espectadores criar suas próprias histórias.

Levar os alunos a uma experiência com o cinema, não se trata apenas de passar um filme em sala. A experiência com a intervenção demonstrou a importância de alguns cuidados a serem tomados na realização de uma exibição fílmica.

O espaço físico e temporal onde acontecem as aulas não apresenta condições favoráveis ao trabalho com cinema. As carteiras, a claridade, o ruído, o sinal, o aparelho (seja TV ou multimídia) não favorecem um ambiente para se possa ficar mais de uma hora como espectador de um filme. Talvez tal intuição tenha se dado pela observação, pela empiria não sistematizada, ou ainda pelos relatos de experiências tidas tanto por professores quanto por alunos na experiência de ver um filme na escola. Isso fez com que planejássemos uma saída para que pudéssemos ver o filme, visto que o espaço escolar não tem salas de projeção (ainda que haja lei que obriga a exibição de filmes nacionais na educação básica).

O que há de especial na sala de exibição. A sala escura, a tela grande, um pouco de conforto numa poltrona. A “câmara” escura parece retirar o sujeito do seu real, rompe com o tempo, e permite que viva em outro tempo, que ao sair da sessão tem-se um estranhamento em que se pergunta: tudo continuou assim enquanto estive lá? Esse lá parece ter sido um outro lugar construído durante o filme. Buscamos uma sala de exibição. Neste caso o espaço foi cedido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa-PR.

As condições materiais alteram o manejo de uma intervenção. O currículo escolar não apresenta flexibilidade suficiente para a realização de intervenções ou práticas que necessitem de outras organizações, que não a pré-estabelecida.

Foi necessária uma tensão para que o tempo da intervenção fosse adaptando-se as exigências de regimentos, prazos, entre outros aspectos.



Para a exibição foi necessária uma manhã inteira, transporte, e diálogo com outros professores e outras disciplinas.

A exibição aconteceu. Os alunos reagiram com burburinhos, risos e silêncios durante os 139 minutos de *Paris, Texas*<sup>4</sup> de Win Wenders. Logo após o filme um pequeno debate ainda dentro da sala. As percepções começaram a ser expostas. Desde “eu não gostei do final” até “eu senti que eu vivi a mesma história do meu pai, essa é minha história”. Estava dado o campo em que se pretendia. Como a partir disso, agenciar isso, que os tocou com a filosofia?

Deste modo, se realizou o primeiro momento pedagógico: Problematização Inicial, que corresponde aos aspectos de sensibilização e problematização ou, no caso das Diretrizes Curriculares Estaduais (2008), poderiam ser assim denominados como subtítulo de: apresentação de signos.

Este momento consistiu na apresentação do filme aos alunos, subdivididos em três momentos: a) primeiro apresentação de uma ficha técnica e uma breve exposição da sinopse do filme; b) segundo a apresentação do filme propriamente dito; c) e por fim a coleta a partir de um diálogo dirigido pelo professor na coleta percepções que os espectadores tiveram ao assistir o filme.

A exposição do filme objetivou que os espectadores entrassem em contato com a linguagem cinematográfica e compartilhassem suas reações, afetos e percepções causadas pela imagem na tela.

A expressão dos alunos é de grande importância, pois aqui se inicia o processo de usinagem, pois os elementos gerados pelo filme consistem na matéria prima para pôr a aula em movimento.

É importante ressaltar a necessidade da formação do professor de Filosofia que deve estar preparado para os possíveis rumos que a aula pode tomar. Como há uma variedade de possibilidades de reações, é importante considerar que cabe ao professor uma postura atenta para que consiga captar

---

<sup>4</sup> Um homem é encontrado exausto e sem memória, em um deserto ao sul dos EUA. Aos poucos ele vai se recordando de sua vida, sendo acolhido pelo irmão Walt, que é casado com Anne. Com eles vive também Alex<sup>4</sup> (sic), filho do homem sem memória, que aos poucos volta a se identificar com o pai.

elementos nos discursos dos alunos que possibilitem o seu trabalho no segundo momento.

Após a apresentação do filme, proporcionou-se aos alunos que falassem o que sentiram, que expressassem e descrevessem o que, como o filme lhes tocou e o que produziu neles.

Em seguida foram propostas problematizações que permitissem agenciar com outra forma de pensar. Pretendeu-se retirar dos afetos, problemas filosóficos. Deste ponto em diante, para que a experiência fosse filosófica foi necessário oferecer elementos para que o aluno agenciasse e produzisse conceitos. Foram estabelecidas conexões, entre o tema do filme e o que se produziu na literatura filosófica na história da filosofia. A intervenção do professor foi fundamental para oferecer aos alunos ferramentas, textos, materiais, explicações que os instrumentalizassem.

Voltamos à escola. Na aula seguinte, realizamos outra roda de conversa sobre as percepções do filme, mais uma vez os alunos expressaram suas sensações, que cenas gostaram, o que chamou atenção. Dentre as falas chama atenção uma aluna que relata ter chegado em casa e procurado pela continuação da história, mas não há. Então eu pergunto: e como continua essa história? E a aluna: “eu imagino que...” Descarto o conteúdo da imaginação e fico apenas com a primeira frase. Então é isso? o cinema faz imaginar? O cinema conta uma história e a termina? Ou o cinema inicia uma história que não tem fim? Como contar uma história com o cinema? E como agenciar o cinema com a filosofia.

As conversas sobre o filme levaram aos conceitos que já tínhamos planejado. O personagem principal vive o dilema entre a desregulação das forças do desejo, de eros, e a civilização, o controle de eros para o desenvolvimento da vida civilizada.

Os conceitos de Marcuse, intérprete de Freud, foram apresentados aos alunos que associaram os dramas vividos em Paris, Texas com os conceitos e com sua própria realidade. Realizamos o trabalho com os conceitos a partir da obra Eros e Civilização de Herbert Marcuse. Utilizamos a leitura do ensaio de

Patrick Pessoa (2008) como uma interpretação de Paris, Texas em relação à obra de Marcuse.

A partir da realização desta etapa encontramos elementos que corroboram com a efetivação do que fora planejado no segundo momento pedagógico: a Organização do Conhecimento se constitui como momento em que o papel do professor é considerado central.

Neste momento, o professor problematiza a partir dos discursos, das falas, dos alunos tentando identificar problemas filosóficos que tenham relação com aquilo que foi identificado na linguagem estética, cabe ao professor o manejo dos conteúdos de filosofia, para que consiga fazer o direcionamento das questões elencadas pelas percepções dos alunos depois do filme para que se encaminhem aos problemas filosóficos, e assim se possibilite o trabalho com a investigação e posterior criação de conceitos.

A partir deste momento, o professor passa a operar de forma diretiva fazendo a apresentação de como o tema foi tratado na história da filosofia. Depois de feita a problematização foi possível apresentar aos alunos um texto filosófico em que fosse possível identificar como se deu a operação de determinado filósofo para que pudesse responder ao problema filosófico: manejo e remanejo dos signos.

Mais uma vez é importante ressaltar a importância da formação do professor de Filosofia para que consiga estabelecer relação entre o aspecto das percepções com os problemas como a própria história da filosofia.

O trabalho com o texto não consiste como uma simples leitura ilustrativa para os problemas, mas sim no momento por excelência da operação com conceitos. É importante afirmar que não cabe a este momento a ideia de estabelecer um conceito definitivo para os problemas, mas de oferecer instrumentos que possibilitem aos alunos a fragmentação dos conceitos que possuem para posterior reconhecimento de que aquilo que pensavam está fragmentado em partes.

Assim foi possível sair do filme, substrato de produção de afeto, e adentrar para o texto filosófico, substrato para a produção de conceito. O

objetivo foi de que o aluno percorresse respostas filosóficas dadas às problemáticas levantadas e criasse sua resposta.

Esse encaminhamento permitiu que a proposta se concretizasse, para além da fala, elementos em que se pudesse materializar a produção. Assim, se pode propor que os alunos produzissem um texto síntese do percurso e realizasse uma produção de vídeo para que expressasse o pensado na linguagem audiovisual. A proposta efetivada pode ser expressa na proposição: do filme ao conceito e do conceito a um novo filme.

O passo seguinte foi propor que realizassem uma produção audiovisual. Algumas aulas foram necessárias para que algumas dicas fossem repassadas.

O terceiro momento pedagógico: Aplicação do Conhecimento, constituiu na passagem de domínio da aula por parte do professor ao protagonismo do aluno, a produção de signos. Coube ao professor sugerir e direcionar os discentes para que a partir desse momento assumissem a tarefa da construção conceitual a partir da produção de material.

Tal produção se deu de dois modos: na construção textual que expressa os conceitos tanto pela escrita quanto pela oralidade e na produção estética. O coroamento de todo o trabalho foi o retorno à linguagem estética com a produção de material audiovisual por parte dos próprios alunos. Esta proposta se deu de forma simples: uma formação de grupos para criação de roteiros e para filmagem com um aparelho celular disponíveis em sala, a partir dos temas em questão.

Ter uma ideia, contar uma história. Liberar a criação.

Quanto ao aspecto tecnológico a percepção é de que os celulares captam a todo momento as imagens e os sons, quanto a isso os alunos não têm dificuldades.

Nessa etapa os alunos criaram roteiros, filmaram e editaram. Utilizamos como suporte a obra de Moleta (2014) que apresenta passos para a efetivação do trabalho com audiovisuais em sala de aula. Foram sete produções, sete curtas que abordaram questões como a morte, o tempo, as relações afetivas,

As imagens e as músicas foram usadas em criações que pareciam com poesias em imagem em movimento.

Eros e Civilização reaparece nas produções. Um dos curtas conta a história de uma adolescente que vive entre a imagem aparente no espaço escolar e as dores dos seus desejos vividos. Nas imagens em público a menina é uma como qualquer outra, mas a câmera captura sua tristeza em sua reclusão, em seus amores não vividos e desejos não realizados. Uma tensão entre aquilo que se é e aquilo se mostra ser. A câmera captura em determinado momento as cicatrizes do braço ferido por cortes. Parece que no filme o real aparece, ou é criado.

Concluimos que o objetivo do trabalho foi a formação de instrumentos para que o aluno pense a sua constituição subjetiva, a sua relação com os outros e a sua relação política e social com o local onde vive. Não se quer com isso estabelecer discursos determinantes ou enciclopédicos de como se deve pensar o sujeito. Ao contrário a linguagem cinematográfica são por si imagem-movimento que fazem enquadramentos (Deleuze, 1985) não determinantes assim como os textos possibilitam e as questões sejam mantidas em suspensão para que caiba ao próprio sujeito o enquadramento que constitua reais possíveis: dos signos, rearranjo de signos e produção de signos, nisso vislumbra-se a possibilidade de uma Usina  $\Phi$ . Como sugestão de trabalhos futuros pensar o trabalho que não se restrinja à imagem-movimento, mas que avance para outras formações cinematográficas como imagem-tempo.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **A Imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Cinema 1).

\_\_\_\_\_. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 332 p. (Cinema 2).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2010. 534 p.

\_\_\_\_\_. **O Que é a Filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a civilização**: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 332 p. Tradução de Álvaro Cabral.

MOLETTA, Alex. Fazendo Cinema na Escola: Arte audiovisual dentro e fora da sala de aula. 1ª ed. São Paulo, Summus, 2014.

PARANÁ. Governo do Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Filosofia. Curitiba: Jam3 Comunicação, 2008. 68 p

PARIS, Texas. Direção de Wim Wenders. Produção de Don Guest. Roteiro: Sam Shepard. Música: Ry Cooder. Eua.: Road Movies Filmproduktion, 1984. (147 min.), DVD, son., color

PESSOA, Patrick. Herbert Marcuse vai a Paris, Texas. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.96-107, jan. 2008. Disponível em: <[http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_4\\_PatrickPessoa.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_4_PatrickPessoa.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2016.

RIBAS, Maria Alice Coelho; CENCI, Márcio Paulo. FILOSOFIA E CINEMA: POSSÍVEIS ENTRECRUZAMENTOS. **S/t**, Santa Maria, p.1-9, /. Disponível em: <[http://sites.unifra.br/Portals/1/j\\_FILOSOFIA\\_E\\_CINEMA\\_-\\_TEXTO\\_6.pdf](http://sites.unifra.br/Portals/1/j_FILOSOFIA_E_CINEMA_-_TEXTO_6.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2006